

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA E LICENCIATURA MODALIDADE A
DISTÂNCIA
PÓLO DE ALVORADA

JUREMA DA SILVA OLIVEIRA

Hora do Conto, Oficina Matemática e Educação
Inclusiva

ALVORADA

2010

JUREMA DA SILVA OLIVEIRA

**HORA DO CONTO, OFICINA MATEMÁTICA
E EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul . FACED/UFRGS.

Orientadora:

Professora Iris Elisabeth Tempel Costa

Tutora:

Simone Ramminger

Alvorada

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia ó Licenciatura na modalidade à distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho, inicialmente, a Deus, que me carregou durante esta trajetória PEAD. Aos meus pais, irmãos e amigos, especialmente, aos meus filhos, nora e netos que compartilharam comigo os momentos de tristezas e também de alegrias, nesta etapa em que, com a Graça de Deus, está sendo vencida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela Sua força que nos ampara e nos torna vitoriosos. Pela luz que iluminou meus caminhos para que eu pudesse concluir mais uma fase de minha vida.

Aos meus pais e irmãos, pelos seus ensinamentos e por terem valorizado sempre a educação como prioridade para alcançar uma profissão;

Aos meus filhos Eider, Bruna, Nathan, Brendha, minha nora Cinthia e meus netos Henrique e Bruno pela paciência, tolerância, companheirismo e compreensão, porque em muitos momentos necessitei privá-los da minha presença para a realização deste trabalho e de todo do curso.

Aos professores e tutores que me acompanharam durante toda a graduação.

A minha professora orientadora Professora Iris Elisabeth Tempel Costa, que com tanta dedicação colaborou para a conclusão desta monografia.

A tutora Simone Ramminger que, incansavelmente, acompanhou-me durante a graduação e conclusão deste trabalho.

Aos colegas Adriana Ferreira Rosa Lia, Ângela, Lara Fischer, Lidiane Tubino, Sandra Rocha, Roselana Rodrigues e Rejane pelo companheirismo e pela presença amiga sempre.

E as tutoras e amigas Adriana, Grace, Vanessa e Rosaura que com sua dedicação ajudaram nesta caminhada.

As minhas amigas e grandes incentivadoras minhas ex-diretoras Helena e Nádia Silvano.

Em especial aos meus alunos, porque sem eles eu nada seria possível.

Í A alma dos diferentes é feita de uma luz além. Sua estrela tem moradas deslumbrantes que eles guardam para os poucos capazes de sentir e entender. Nessas moradas estão tesouros da ternura humana dos quais só os diferentes são capazes. Não mexa com o amor de um diferente. A menos que você seja suficientemente forte para suportá-lo depois! (Arthur da Távola).

RESUMO

Este trabalho relata e analisa a prática desenvolvida no estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia . Licenciatura na Modalidade a Distância da Faculdade de Educação da UFRGS. O estágio foi realizado em uma escola municipal de Alvorada/RS, com uma turma de vinte e oito alunos do segundo ano do ensino fundamental. Dentre os alunos, quinze apresentavam diferentes necessidades educacionais especiais e três alunos tinham um histórico de repetências, ocasionados por fatores que ainda não foram detectados por profissionais especializados. Neste contexto e com poucos recursos, a questão levantada e que buscamos investigar versou sobre a possibilidade de tecermos uma rede de propostas pedagógicas para incluir, alfabetizar e letrar, usando atividades como a Hora do Conto e Oficinas matemáticas. Procurou-se desenvolver atividades que fossem significativas e pudessem envolver a todos os integrantes da turma, mesmo que as aprendizagens ocorressem em níveis e com ritmos diferentes. Ao avaliar os alunos no trimestre, percebemos que também não há respaldo da escola e nem mesmo da Lei para avaliar os alunos da inclusão de modo diferente dos alunos ditos "normais". As avaliações devem ser iguais para todos, ou seja, todo o trabalho de oferecer recursos diferenciados a estes alunos não pode ser considerado, na hora de avaliá-los, porque só têm direito à avaliação especial aquele aluno que apresenta um Laudo Médico que o diagnostica como portador de necessidades educacionais especiais e estes laudos inexistiam. Foi possível concluir que se faz necessário ajustes no Desenho Curricular das escolas, que precisam estar adequados a esta realidade, nos métodos avaliativos, que precisam ser revistos, e, mais que isto, os educadores precisam ser preparados para acolher estes seres tão especiais que mereceram um olhar mais atento. Para fundamentar teoricamente este trabalho busquei apoio nas leituras da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, nº 9.394/96, Abramovich, Soares entre outros que foram de fundamental importância para a construção do trabalho de conclusão de curso.

Palavras-chave: educação inclusiva, alfabetização, letramento, hora do conto, oficinas pedagógicas.

ABSTRACT

This paper reports and analyzes the practice developed in the probation required the Faculty of Education - Degree in Distance Mode of Education School of UFRGS. The stage was conducted in a municipal school in Alvorada / RS, with a group of twenty-eight second year students of elementary school. Among the students, fifteen different had special educational needs and three students had a history of school failures, caused by factors not yet detected by specialized professionals. In this context and with limited resources, the issue raised and that was about we investigate the possibility that we may weave a network of educational proposals to include literacy and writing, using activities such as Story Time and math workshops. It attempted to develop activities that were significant and could involve all members of the class, even if it occurred in the learning levels and with different speeds. In assessing the students in the quarter, we realized that there is no support from school and even the law to assess students differently from the inclusion of students called "normal". Evaluations should be equal for all, that is, all work to provide differentiated resources to these students can not be considered in time to evaluate them, because they only have right to special assessment that student who presents a medical certificate that the diagnoses as having special educational needs and these reports did not exist. It was concluded that it was necessary adjustments in the Curriculum Design of schools that need to be adapted to this reality, the evaluation methods, which need to be reviewed, and, beyond that, educators need to be prepared to accept these beings as they deserve special a closer look. To support this theory sought to support work in the readings of the Law of Directives and Bases of Education - LDB, No. 9394/96, Abramovich, Smith and others that were of fundamental importance for the construction work of completion.

Keywords: inclusive education, literacy, literacy, storytelling, educational workshops.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	10
1.1 Contextos da Prática	11
1.2. Delimitação do Problema	12
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Horas do conto e letramento	14
2.2. Inclusão, linguagem oral e escrita no processo de alfabetização e letramento.....	18
2.3. Oficinas de matemática e letramento matemático.....	19
III. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA.....	22
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
ANEXOS.....	34

I. INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso (TCC) pretendo abordar questões relevantes que foram sendo desencadeadas durante os semestres do meu curso de graduação em Pedagogia (PEAD) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e durante as nove semanas, ou cento e oitenta horas, do meu Estágio Curricular.

Nesta prática, que aqui será descrita e analisada, o meu foco de interesse foi o uso da Hora do Conto e das Oficinas de Matemática como atividades com a perspectiva de letramento e letramento matemático para favorecer a interação e a participação de todos os alunos e, assim, contribuir com a socialização e aprendizagem dos alunos de inclusão, nas séries iniciais.

O Estágio Curricular foi realizado numa Escola Municipal de Alvorada- RS, com uma turma de segundo ano do ensino fundamentalna qual havia alguns alunos com necessidades educacionais especiais.

A diversidade do grupo tornou necessário pensarmos em propostas de trabalho que envolvesse a todos no processo de aprendizagem e que respeitasse suas diferenças. A escola, onde realizei meu estágio, tem capacidade para oferecer atendimento às necessidades educacionais formais de alunos considerados normais, isto é, alunos sem comprometimentos aparentes em seus processos de aprendizagem e desenvolvimento, embora receba alunos com necessidades educacionais especiais. Ela não está adaptada para tais alunos, pois não conta com salas de atendimentos especializados ou programas específicos para favorecer situações de inclusão. Em outras palavras, a escola não possui um programa de educação especial que é uma modalidade de ensino na qual se realiza um atendimento educacional especializado, em horário diferente do horário das aulas, exatamente para possibilitar que os alunos, nela atendidos, possam freqüentar as turmas de ensino regular. Este atendimento especializado não deve substituir a educação escolar regular, mas complementar ou suplementar a formação dos

alunos, com o objetivo de buscar sua autonomia na escola e fora dela, visando à melhoria da qualidade das respostas educativas e, naturalmente, facilitar o processo da aprendizagem.

Diante desta realidade, minha preocupação constante foi buscar alternativas que pudessem contribuir com a inclusão verdadeira destes alunos não só socialmente, mas propondo atividades pedagógicas que os levassem a participarem para que enfim se efetivassem sua integração ao grupo.

1.1 Contextos da Prática

Nos últimos anos e, em especial, neste que foi o ano do estágio curricular, recebi em sala de aula muitos alunos de inclusão. A necessidade de saber o que fazer para que estes alunos não ficassem ~~logados~~ em um canto da sala, levou-me a buscar uma formação que me possibilitasse construir novos conhecimentos para enfrentar esta situação.

O PEAD foi a oportunidade que abracei e que me trouxe aportes teóricos e tecnológicos que me permitiram experimentar ações pedagógicas alternativas para buscar incluir alunos com necessidades especiais na sala de aula.

A turma com a qual desenvolvi meu estágio, conforme já dito, era uma turma de segundo ano composta por vinte e oito alunos. Neste grupo, havia duas alunas com deficiência mental moderada, treze alunos com dificuldade de aprendizagem por portarem transtornos como déficit de atenção, hiperatividade, transtorno na fala, três alunos com vários anos de repetências ocasionadas por fatores que ainda não foram detectados por profissionais especializados e outros que sofrem com evidentes desajustes familiares, que podem causar o baixo rendimento escolar que apresentam.

Embora a escola tenha o papel de contribuir na formação destas crianças, ressalto aqui que a escola onde atuo acolhe alunos com Necessidades Especiais, mas não tem recursos humanos para atender estes alunos. O Estado, órgão mantenedor das escolas estaduais dentro do município de Alvorada, não oferece atendimentos especializados para estes alunos e com isso dificulta o trabalho em sala de aula, porque para incluir precisamos de um trabalho conjunto da escola, profissionais especializados e família.

Assim, procurei dentro do estágio desenvolver atividades que fossem significativas e pudessem envolver a todos os integrantes da turma, mesmo que as aprendizagens ocorressem com diferentes ritmos.

1.2. Delimitação do Problema

Conforme já dito, trabalhar com uma turma que fugia, dos assim chamados, padrões da normalidade e encontrar propostas pedagógicas que envolvessem a todos foi o grande desafio do meu estágio curricular.

Os recursos disponíveis para realizar um trabalho de qualidade eram poucos e apesar da escola possuir um laboratório de informática ele não pôde ser usado com os alunos, porque ainda não havia sido contratado um profissional específico para responsabilizar-se por ele.

Neste período, os materiais com os quais pude contar foram jogos, feitos artesanalmente por mim, materiais didático-pedagógicos, adquiridos pela escola, como um acervo literário de ótima qualidade, jogos de encaixe como números de pinus, ábaco e blocos lógicos.

Neste contexto e com estes recursos, a questão que levantei e busquei investigar versou sobre a possibilidade de tecermos uma rede de propostas pedagógicas para incluir, alfabetizar e letrar, usando atividades como a Hora do Conto e Oficinas Matemáticas.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A necessidade de trabalhar com crianças Portadoras de Necessidades Educacionais Especiais, geradas por diversos fatores, me levou a buscar subsídios e recursos capazes de me auxiliarem a pensar em atividades para incluir a todos, conforme prescreve a Legislação em vigência.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, nº 9.394/96 apresenta-se como um marco muito significativo na educação brasileira, uma vez que ela prevê a inclusão e a ampliação do atendimento educacional, em rede pública, aos educando com necessidades especiais nos níveis de Educação Infantil a Superior. Esta lei é fundamental e abre uma nova perspectiva de inclusão.

Quando se fala em evitar desigualdades o termo mais usado é inclusão. A inclusão ou integração de portadores de necessidades educacionais especiais tem o significado de "adaptar", "inserir", "incorporar" todos num processo verdadeiramente inclusivo. Incluir é não excluir e, portanto, exige de todos medidas conjuntas que ofereçam as condições necessárias para acolher as especificidades de todos garantindo direito à igualdade.

Braga (1996 apud SCHLÜNZEN, s/d) declara que Vygotsky entendia que o futuro das crianças com necessidades especiais dependia muito da possibilidade delas terem interação com o meio social.

Em 1994, as Nações Unidas, na Declaração de Salamanca, proclamaram que as escolas regulares com orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias e que alunos com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular. O princípio orientador desta declaração diz que "as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. (BRASIL, 2006, p.330).

O MEC (2008 apud JUNQUEIRA s/d) diz que o movimento mundial pela inclusão não é só uma ação política, mas também uma ação cultural, social e pedagógica criada para defender os direitos de todas as crianças, portadoras de Necessidades Educacionais Especiais ou não, de estarem incluídas, aprendendo e participando, sem atitudes discriminatórias. Esta Educação Inclusiva, fundamentada na concepção de direitos humanos, sustenta igualdade e nega a produção de exclusão dentro e fora da escola.

O MEC reconhece que ainda existem dificuldades nos Sistemas de Ensino para enfrentar as práticas discriminatórias, buscar alternativas para superá-las e em assumir que o papel da Escola é superar a Exclusão para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas e respeitadas (MEC, 2008 apud JUNQUEIRA, s/d, p. 16).

As necessidades especiais revelam que tipos de ajuda, diferentes das usuais, são requeridos, de modo a cumprir as finalidades da educação. As respostas a essas necessidades devem estar previstas e respaldadas no projeto pedagógico da escola, não por meio de um currículo novo, mas, da adaptação progressiva do regular, buscando garantir que os alunos com necessidades especiais participem de uma programação tão normal quanto possível. Considerando as especificidades que as suas necessidades possam requerer (PERBONI; IOP; OLIVEIRA, 2008, online).

Um trabalho pedagógico de qualidade, que possibilita que todos sejam realmente incluídos, requer, no âmbito escolar, a constituição de uma rede de relações sociais e humanas. Neste processo, há também a necessidade de apoio da família e das políticas públicas de educação e saúde capazes de atuar nas dificuldades de alunos com necessidades educacionais especiais.

Por não contar com esta rede de relações sociais e com o apoio de especialistas em educação e saúde, para orientar meu trabalho com os alunos com necessidades educacionais especiais, busquei desenvolver atividades pedagógicas que pudessem favorecer a todos os alunos, independente de suas possibilidades e limitações.

As alternativas pensadas para atingir este objetivo foram projetos com Hora do Conto e Oficinas de Matemática:

2.1 Horas do conto e letramento

As narrativas históricas são estímulo para o desenvolvimento do imaginário das crianças, pois além de estreitar laços afetivos fomentam o desenvolvimento psicológico saudável.

Ouvir histórias encanta, diverte e ajuda as crianças a lidarem com situações como abandono, perigos e outras dificuldades. Mesmo não tendo imediatamente um final feliz, as histórias ajudam as crianças na construção da sua personalidade e a lidar com seus medos e ansiedades. Além disso, e o mais importante, a Hora do Conto é momento de integração no qual as diferenças entre os alunos não importam, pois cada um pode tirar proveito delas, segundo suas possibilidades.

Para Abramovich (1995, p.17) é importante

ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou do jeito de escrever dum autor, e, então, poder ser um pouco cúmplice deste momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como os personagens fizeram...).

Segundo esta autora (1995, p.17) ~~as~~ histórias são importantes para a formação de qualquer criança. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo." Ela também ressalta que ~~o~~uvir histórias pode estimular: o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra).+

Segundo Soares (2004, p.35)

Uma criança, que mesmo ainda não dominando a técnica da leitura e da escrita, folheia livros, jornais, revistas, finge lê-los, brinca de escrever, escuta histórias lidas por outro, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, pode ser considerada letrada, pois já entrou no mundo do letramento.

As histórias ainda possibilitam o enriquecimento cultural, social e intelectual das crianças. Ao entrar neste mundo mágico é preciso entender, conforme diz Maciel (2009), que ler significa mais que agrupar as letras do alfabeto para formar palavras, abrange decifrar e interpretar o seu sentido. Por isso a leitura deve iniciar-se na alfabetização e continuar por toda vida escolar dos alunos.

A criança, segundo Soares (2005)

(...) alfabetiza-se, isto é, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situação de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação que o material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem no contexto do, por meio do e em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita. Este alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando, pela integração e articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da linguagem inicial da língua escrita, é sem dúvida, o caminho para a superação dos problemas (...) na alfabetização (p.10,14).

Conto é uma narrativa pouco extensa e que contém unidade dramática num ponto de interesse que tem significado de invenção e ficção. Portanto as histórias desenvolvem o poder de observação e exercita a memória, a inteligência, as lógicas desenvolvem o poder do imaginário e de emoção, intensificam e estendem as relações sociais das crianças. A Hora do Conto amplia os horizontes da leitura, tornando a criança consciente da existência da infinidade de livros com diversos temas, capazes de satisfazer suas curiosidades, seus gostos e permite que possamos selecionar as histórias que mais se ajustem a maturidade e a necessidade de cada turma (TAHAN apud, SILVA, 1999).

Pensando que a linguagem literária pode ser transformada em atividade pedagógica que possibilita identificações e questionamentos e auxilia na elucidação dos problemas dos alunos, na compreensão do mundo, bem como na amenização das inquietações pessoais utilizamos a "Hora do Conto", como um meio para a superação das dificuldades de aprendizagem e para a inclusão de todos em uma atividade prazerosa, criando bases para uma convivência mais harmoniosa.

Segundo Tahan (apud, SILVA, 1999), é importante, após cada história contada dentro do Espaço Hora do Conto, realizar um diálogo onde todos têm oportunidade de expressão oral e aqueles que têm dificuldades de expressarem-se oralmente podem ter a oportunidade de fazê-lo através de desenhos. Ainda segundo este autor é neste momento que cabe ao professor leitor e condutor da Hora do Conto ter sensibilidade e objetivo bem claro para que através das histórias possa amenizar os conflitos individuais que se apresentam através dos personagens e fazer com que as crianças reflitam, retirando das histórias os ensinamentos que vão contribuir na sua formação enquanto indivíduos.

É importante aproveitar as experiências que os nossos alunos têm e somar com o que os alunos especiais têm para oferecer e utilizar esta troca como um ponto positivo na caminhada rumo ao reconhecimento e valorização da pessoa como sujeito. Pensar que se podem ter benefícios dentro do letramento e alfabetização é um ponto de partida para que a inclusão de todos se efetive como uma realidade e não apenas uma utopia descrita nas Leis vigentes e que não são efetivamente cumpridas.

As atividades integradas com a Hora do Conto possibilitam a alfabetização e o letramento das crianças em processo de alfabetização e as que apresentam dificuldades de aprendizagem e necessidades especiais se integram e interagem na realização das atividades desde que sejam respeitadas suas limitações.

Para o ensino da língua as histórias enriquecem a experiência, desenvolvem a lógica dos fatos, dando sentido de ordem e esclarecem o pensamento, fixam e ampliam o vocabulário da criança dão formas às expressões, à linguagem infantil (TAHAN apud, SILVA, 1999).

A Hora do Conto pode ser um valioso recurso pedagógico, pois entre outros benefícios ela propicia momentos de contato com o mundo mágico da literatura oral com uma ponte para o letramento e alfabetização, ou seja, a escrita.

Segundo Abramovich (1995, p.16),

as histórias são importantes para a formação de qualquer criança. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor. E ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...+ Ainda aponta que o ouvir história pode estimular: o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra).

Envolver a criança através da Hora do Conto no belo e no imaginário é ensinar o valor do bem, e ampliar os horizontes da leitura, tornando a criança consciente da existência de uma infinidade de temas, gêneros, estilos capazes de estimularem seu desenvolvimento e sua imaginação; é estreitar laços afetivos que fomentam seu desenvolvimento psicológico saudável.

2.2. Inclusão, linguagem oral e escrita no processo de alfabetização e letramento

Desde o nascimento, as crianças convivem com a linguagem oral, pois os adultos falam perto delas e com elas. A linguagem ocupa um papel central nas relações sociais vivenciadas pelos adultos e crianças. É através da oralidade que elas interagem socialmente e aprendem sobre as coisas do mundo.

A família é extremamente importante neste processo de aquisição da linguagem, pois, geralmente, através dela a criança adquire o hábito de ouvir histórias e, nestas histórias, estão incluídas as histórias da família (pais, avôs, tios) e da sua infância.

No entanto, é a educação infantil que proporciona às crianças uma série de novidades no que diz respeito à língua materna. É na escola que elas encontram a diversidade cultural e social. É também a escola que irá lhes apresentar os mais diversos tipos de textos, que lhes dará a oportunidade de brincar com as palavras, desenvolver a criatividade, a oralidade, a imaginação e a construção do conhecimento.

Para Soares (1998)

[...] aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e decodificar a língua escrita; [...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita. (p. 39 e 40)

Ainda Soares (1998) diz que o termo alfabetização corresponde ao processo pela qual se adquire uma tecnologia - a escrita alfabética e as habilidades de utilizá-la para ler e escrever. O letramento relaciona-se ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita, nas situações em que precisamos ler, escrever e produzir textos. Ainda segundo Soares (1998, p.47), «alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis». Para a autora, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita.

Para Braga (1996 apud SCHLÜNZEN, s/d), o meio contribui significativamente no desenvolvimento da criança com necessidades especiais e o contato com o outro provoca, na criança, um desenvolvimento melhor. É possível que todos com Necessidades Especiais estejam incluídos se oferecermos atividades que envolvam todos no processo ensino-aprendizagem.

A escola como instituição deve propiciar um ambiente que possibilite a interação das crianças, onde elas possam aprender a serem críticas, autônomas, a valorizarem e respeitarem as diferenças, a conviverem harmoniosamente uns com os outros, a serem solidários e a inclusão, pois, deve ser o início para que se recebam estes seres especiais, oferecendo a oportunidade para que eles possam relacionar-se, interagirem e vivenciarem situações que os tornem autônomos, capazes e sejam cidadãos mais humanos.

2.3. Oficinas de matemática e letramento matemático

Através do presente texto desejo apresentar as possibilidades pedagógicas da Oficina da matemática. Como e quando seria vantajoso fazer uso dessa metodologia em sala de aula?

Entende-se como oficina *pedagógica* uma metodologia de trabalho em grupo, caracterizada pela construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências em que o saber não se constitui apenas no resultado final do processo de aprendizagem, mas também no processo de construção do conhecimento. Assim, desenvolve-se uma experiência de ensino e aprendizagem em que educadores e educando constroem juntos os conhecimentos num tempo-espaço para vivência, a reflexão, a conceitualização: como síntese do pensar, sentir e atuar. Como lugar para a participação, o aprendizado e a sistematização dos conhecimentos (CANDAUI, 1999, apud, MOITA; ANDRADE, online).

Dentro das Oficinas Pedagógicas de Matemática, as crianças têm a possibilidade de (dê), (re) construir através dos jogos e outros recursos lúdicos que favorecem o aprendizado através do letramento matemático.

O letramento em Matemática é a capacidade individual de identificar e compreender o papel da Matemática no mundo, de fazer julgamentos bem fundamentados e de se envolver com a Matemática de maneira a atender às suas necessidades atuais e futuras como um cidadão construtivo, consciente e reflexivo (BRASIL, 2000, p.21 apud SOUSA; de LUCENA, 2007, p. 4).

Através do letramento matemático podemos proporcionar aos alunos oportunidades de acesso a representações matemáticas, através de materiais concretos e situações que os levem a contextualizar socialmente os conhecimentos matemáticos, além de fazer com que desenvolvam competências e habilidades e que adquiram conhecimentos necessários para entenderem situações de vida real.

Danyluk (2002, p.20, apud, MENDES) diz que definir Matemática no sentido de alfabetizar, pensar em ~~alfabetização matemática~~, está ligado ao ato de aprender a ler e escrever. Neste sentido, a linguagem matemática usada nas primeiras séries de escolarização restringe-se a uma aquisição individual, feita pela criança, de códigos do conhecimento matemático e focar os aspectos sociais que envolvem a escrita matemática, incluindo as diversas possibilidades de representação, está no mesmo caminho dos estudos na área de letramento.

O mesmo autor (2002, p.20, apud, MENDES) diz também que ao ensinarmos matemática de uma forma mais lúdica estamos proporcionando aos nossos alunos a construção de conhecimentos, pois no momento em que ele constrói, refaz as atividades, reconstrói para corrigir erros vai elaborando suas capacidades de resolver autonomamente possíveis situações. Nas Oficinas Matemáticas existe esta possibilidade, porque em grupos vão interagindo e adquirindo confiança na medida em que proporcionamos aos alunos oportunidades de acesso a representações matemáticas, através de materiais concretos, jogos e situações que os levem a contextualizar socialmente os conhecimentos matemáticos.

Segundo DeAmbrósio (2004, p.37), ~~a~~ aprendizagem é aquisição de capacidade de explicar, de apreender e compreender, e de lidar, criticamente, com situações novas, não é o mero domínio de técnicas, habilidades e muito menos a memorização de algumas explicações e teorias. + E as Oficinas Pedagógicas Matemáticas tem a dimensão de construção coletiva de aprendizagens através do lúdico, onde as crianças aprendem fazendo e construindo saberes. Onde o professor é aquele que

não da respostas e sim aponta caminhos possíveis para que consigam resolver através de hipóteses os desafios propostos em jogos e atividades com materiais concretos ou on-line.

Ao oferecermos as crianças à possibilidade de construção de seus conhecimentos de maneira livre e espontânea, onde o método de ensinar passa ser um procedimento muito natural, em que se respeitam as limitações e o tempo de cada criança. As Oficinas com objetivos de trocas de conhecimentos e integração onde as crianças aprendem a valorizarem-se como sujeitos de suas aprendizagens, onde os métodos de ensino utilizados tenham o respeito às limitações e que os recursos favoreçam os Portadores de Necessidades Especiais, para que se sintam capazes e estimulados a construir suas aprendizagens. As Oficinas com letramento matemático passam a ser uma estratégia metodológica para a construção de conhecimentos e um caminho para a educação de cidadania onde a Inclusão não seja utopia.

III. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA

Durante minha trajetória como professora de Currículo (CAT), eu nunca alfabetizei, pois minhas turmas foram sempre de terceiro ao quinto ano e os alunos já dominavam total ou parcialmente a leitura e a escrita, o que tornava meu trabalho muito mais fácil, sem a preocupação de tornar um aluno alfabetizado, ou seja, pronto para a escrita e a leitura.

Um ano antes do Estágio e em especial no período do mesmo, estava eu com um "segundo ano", tentando aprender a tornar esse novo desafio um processo de aprendizagem divertido, com a responsabilidade de que todos os pequenos fossem capazes de ler e escrever e ainda com um diferencial, a maioria dos alunos eram de Inclusão, por ser Portadores de Necessidades Especiais, apresentarem déficit de atenção e outros transtornos que dificultam a aprendizagem.

O desafio era grande, pois a tarefa de incluir não é nada fácil, devido a inúmeras falhas no Sistema de Ensino e a maior delas é que nem as Escolas nem os profissionais estão aptos para acolher a todos como está expresso tanto na Lei LDB, nº 9.394/96 como na Declaração de Salamanca.

Embora eu tenha lido muito e buscado através do Pead renovar minhas práticas pedagógicas, inserindo nelas propostas novas, não sou especialista e nem me sinto apta pra exercer a função de professora de Inclusão. Venho a tempo buscando atividades que visam à integração e a socialização de todos e observo que a Hora do Conto e as Oficinas de Matemática propiciam esta integração e socialização das crianças, transformando estes momentos em prazer de ouvir uma boa história, manusearem materiais concretos e jogarem para adquirirem aprendizagens cognitivas e afetivas.

Braga (1996) declara que Vygotsky versava que o futuro das crianças com Necessidades Especiais depende muito da possibilidade que elas venham a ter de interação com o meio onde estão inseridas.

Para a autora, o meio contribui significativamente no desenvolvimento da criança com Necessidades Especiais e o contato com o outro provoca, na criança, um desenvolvimento melhor. Foi pensando na possibilidade de inclusão que fui buscar alternativas que pudessem melhorar minha prática.

Comecei com a confecção de jogos usando materiais sucateados. Como os livros velhos de alfabetização, encontrados sem uso na Biblioteca, eu confeccionei jogos usando figuras para compor palavras com uma, duas até quatro sílabas, com letra inicial e final, com sílaba inicial e final. Também jogos matemáticos envolvendo os conjuntos compostos pelas quantidades de elementos, pequenas historinhas matemáticas, jogos de memória de palavras e figuras, também uma série de jogos de palavras do Menino Maluquinho, os quebras cabeças não faltaram, uma série de palitos pintados de várias cores e tampinhas de garrafas e outros materiais necessários para alfabetização e o letramento matemático.

A necessidade que levou, em determinado momento, a pensar sobre como motivar os alunos para que tivessem mais prazer em realizar atividades, ficou evidente quando percebi que sem o uso de materiais concretos os alunos aprendiam de maneira mecanizada, pois não gravavam conceitos básicos. Nas Oficinas de Matemática e nos momentos da Hora do Conto eles têm oportunidades de manusearem os jogos, ouvirem história e reproduzirem o que ouviram fazer releitura dos personagens das histórias contadas com o uso da massinha de modelagem para com isso, irem construindo aprendizagens.

No período do Estágio Curricular "o meu foco de interesse foi o uso da Hora do Conto e das Oficinas de Matemática como atividades com a perspectiva de letramento e letramento matemático para favorecer a interação e a participação de todos os alunos e, assim, contribuir com a socialização e aprendizagem dos alunos de inclusão, nas séries iniciais.+

As histórias e as atividades de letramento e alfabetização, pensadas e planejadas em conjunto pelas professoras dos segundos anos, são realizadas quinzenalmente para dar o tempo de serem realizadas pelos alunos e avaliadas para a percepção de que os objetivos traçados foram ou não atingidos.

Nas Oficinas de Matemática, as crianças usam materiais concretos e os jogos para aprenderem conceitos matemáticos previamente planejados a cada início de ano letivo e ajustados as necessidades e habilidades de cada turma com atividades e recursos didáticos que possibilitem a inclusão. Relatei em um momento do meu estágio curricular o seguinte:

A idéia da Oficina de matemática surgiu quando percebemos que seria mais atrativo em forma de jogos e histórias introduzirmos os conceitos de matemática como adição, subtração, dezenas e outros... Assim prendemos mais a atenção dos alunos e eles aprendem se divertindo com os jogos e outras atividades. E as Oficinas de letramento matemático, passaram ser parte também de uma estratégia para ajudar minha turma a desenvolver atitudes positivas e o principal desenvolver a concentração.

Quando pensamos em oficina a idéia é de um local onde se pratica um ofício ou se (dês) ou (re) constrói algo ou ainda onde há transformações, ou seja, onde se aprende. Neste espaço há uma construção coletiva, o despertar através do lúdico para aprendizagens que não se restringe em cognitivas, mas em afetivas que levem o despertar de gestos solidários para com os menos favorecidos no desenvolvimento de aprendizagens.

Assim, desenvolve-se uma experiência de ensino e aprendizagem em que educadores e educandos constroem juntos os conhecimentos num tempo-espaço para vivência, a reflexão, a conceitualização: como síntese do pensar, sentir e atuar. Como um lugar para a participação, o aprendizado e a sistematização dos conhecimentos+(CANDAUI, 1999 apud, MOITA; ANDRADE, online).

Nas Oficinas Matemáticas, através da interação com os jogos e com outras atividades propostas os alunos com necessidades especiais podem perfeitamente realizarem, desde que sejam respeitadas suas limitações.

Como, por exemplo, o aluno I com hiperatividade e transtorno de fala bem como a aluna J com deficiência mental conseguem realizarem atividades como agrupar palitos de dez em dez e amarrar formando grupos para entenderem as noções básicas de dezenas, jogar dominó e contar as bolinhas de cada peça, etc.

Em outra situação dentro da Oficina de Matemática onde propus Sistema de Medidas a aluna D com deficiência mental, foi capaz de desenhar objetos de

tamanhos diferentes, ao perguntar o que eram, mencionava seus nomes e dizia imaginariamente quanto media. Minha tarefa era fazer intervenções e anotar suas idéias. Pude perceber que mesmo com algumas limitações as crianças participam com ajuda de todos, se sentindo parte do processo de aprendizagem e não excluídas.

O letramento em Matemática é a capacidade individual de identificar e compreender o papel da Matemática no mundo, de fazer julgamentos bem fundamentados e de se envolver com a Matemática de maneira a atender às suas necessidades atuais e futuras como um cidadão construtivo, consciente e reflexivo (BRASIL, 2000, p.21 apud SOUSA; de LUCENA, 2007, p. 4).

Através do letramento matemático podemos proporcionar aos alunos oportunidades de acesso a representação matemáticas, através de materiais concretos e situações que os levem a contextualizar socialmente os conhecimentos matemáticos. Ainda fazer com que desenvolvam competências e habilidades e que adquiram conhecimentos necessários para entenderem situações de vida real.

Em uma das atividades onde haviam peças de madeiras construídas artesanalmente o aluno G com transtornos múltiplos ao pegar um triângulo mencionou que a forma se parecia com o telhado de sua casa. Neste momento eu disse a ele que era um triângulo e que tinha vários jeitos de desenhá-lo e por isso, se pareciam com os telhados. É claro que não poderia usar com ele a classificação dos triângulos, com esta intervenção ele vai construindo estas relações e no momento em que aprender estas classificações vai estar presente o telhado de sua casa e de tantas outras casas.

Danyluk (2002, p.20, apud, MENDES) diz que definir Matemática no sentido de alfabetizar, pensar em "alfabetização matemática", está ligado ao ato de aprender a ler e escrever. Neste sentido, podemos usar a Hora do Conto com histórias pequenas que possibilitem a compreensão de todos e que atividades que favoreçam desenvolver atividades relacionadas com alfabetização matemática e a integração de todos os alunos respeitando sempre suas limitações.

A Hora do Conto pode ser um valioso recurso pedagógico, pois entre outros benefícios ela propicia momentos de contato com o mundo mágico da literatura oral com uma ponte para o letramento e alfabetização, ou seja, a escrita.

Segundo Abramovich (1995, p.16),

as histórias são importantes para a formação de qualquer criança. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor. E ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...+ Ainda aponta que o ouvir história pode estimular: o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra).

Assim, por exemplo, para o mês de maio, os alunos ouviram a história: «CHOCO ENCONTRA UMA MAMÃE», que abordou entre outras coisas a formação da família, adoção, amizade, amor, amizade entre o diferente. Esta foi a que mexeu com os sentimentos deles, porque a história era relacionada com abandono e a procura por uma mãe, adoção e família questões estas comuns entre eles, mas que nesta turma em especial era extremamente complicado, pelo fator abandono e descaso familiar. Nesta história ouve a mistura da realidade com a ficção, pois os sentimentos e emoções afloraram, quando após ouvirem a história puderam expor suas histórias de vida parecidas com a de Choco.

Uma dos momentos mais tensos foi quando o aluno T, com vários transtornos afetivos e familiares, contou que foi abandonado pela mãe e que morava com a avó e a colega J, com deficiência mental, para demonstrar solidariedade contou que a mãe havia abandonado na lixeira da casa de sua avó, por ser diferente.

Depois dos relatos emocionantes de muitas histórias na continuidade das atividades programadas para a semana houve a reprodução oral que era gravada para que em outra ocasião fosse mostrada através do datashow. As atividades de alfabetização programadas com a intenção de trabalhar as dificuldades ortográficas CH, LH, NH, como também letra inicial e final, separação de sílabas, conhecimento através de pequeno vocabulário palavras novas que apareceram na história, releitura dos personagens através da massinha de modelagem. Os resultados obtidos foram dentro do esperado que era o envolvimento e a integração de todos nas atividades propostas, mesmo com dificuldades, mas com o respeito às limitações e o tempo de cada um. Não se pode exigir que as crianças com Necessidades Especiais apresentem mesmos resultados que as crianças normais.+

As necessidades especiais revelam que tipos de ajuda, diferentes das usuais, são requeridos, de modo a cumprir as finalidades da educação. As respostas a essas necessidades devem estar previstas e respaldadas no projeto pedagógico da escola, não por meio de um currículo novo, mas, da adaptação progressiva do regular, buscando garantir que os alunos com necessidades especiais participem de uma programação tão normal quanto possível. Considerando as especificidades que as suas necessidades possam requerer (PERBONI; IOP; OLIVEIRA, 2008, online).

Os alunos com Necessidades Especiais são capazes de fazer a reprodução das releituras através de desenhos ou com o uso de massinha de modelar dos personagens das histórias (apêndice 1). As alunas D e J, por exemplo, com deficiência mental são capazes de desenharem ou modelarem os personagens de uma história e também são capazes de reproduzirem com suas palavras a história ouvida como qualquer outra criança dentro da sala de aula.

Outro ponto importante a ser sempre considerado quando temos alunos com necessidades especiais é ter claro o que ensinar e quando ensinar, isso ficou muito visível para mim, porque pude perceber que não dava para seguir o planejamento igual às outras turmas, que era preciso adequar todas as situações ao nível de entendimento e das limitações destes alunos.

A participação em jogos realizados em grupo representa uma conquista cognitiva, emocional, moral e social das crianças e um estímulo para o desenvolvimento de sua competência matemática. [...] O jogo é uma atividade natural no desenvolvimento dos processos psicológicos das crianças (BRASIL, 1998).

Quando as atividades são desenvolvidas em grupos pequenos podemos misturar para que não se concentre apenas em um determinado grupo as mesmas dificuldades e há a possibilidade dos que não tem dificuldades prestarem ajuda exercitando assim o exercício da solidariedade princípios estes que nas nossas Horas do Conto procuramos sempre salientar a importância.

Sabemos que nem todas as crianças têm oportunidades iguais dentro e fora da escola e por isso cabe a nós educadores proporcionarmos atividades que envolvam todos, pois minha preocupação são os alunos que necessitam estar incluídos.

Pelo que observo na minha prática, as escolas, não estão adaptadas para acolher a todos de maneira inclusiva. A escola onde realizei meu estágio Curricular, apesar de acolher os alunos com necessidades especiais tanto físicas, mentais como os que têm dificuldades de aprendizagens por outros transtornos, não está apta para a inclusão com propostas pedagógicas que os incluam verdadeiramente, ficando estas crianças repetindo ano e sendo muitas vezes isoladas dentro de sala de aula e fora dela.

Dentro desta turma eram três alunos repetentes, sendo um com doze anos repente há cinco anos,tendo ele participado do %Projeto se liga+e como não estava apto ao avanço como o %Projeto+previa,retornou a turma de origem, ou seja, voltou ao segundo ano ficando deslocado diante do fato dos outros terem idade inferior a sua, não sendo investigadas anteriormente as causas das inúmeras reprovações devido à omissão da família.

A turma que eu realizei o Estágio, por ter o maior número de alunos que necessitavam de um olhar mais atento como também atividades diferenciadas, para que fosse possível mesmo que somente socialmente estes alunos estarem integrados dentro da sala de aula. Na medida em que todos interagem as relações interpessoais acontecem tornando assim, possível através de ajuda mútua que as atividades propostas aconteçam, respeitando sempre o tempo e o limite de cada um.

A educação inclusiva é aquela que acolhe todos, sem exceção e interagir com os portadores de necessidades é vencer preconceitos, derrubar as barreiras e encontrar possibilidades não só de incluir os discriminados por suas deficiências e os que também são excluídos por suas não habilidades e dificuldades nas aprendizagens, possam ocupar seu espaço na sociedade em geral sendo reconhecidos como sujeitos, valorizados por suas conquistas como garante a Lei.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o presente trabalho de Conclusão de Curso e semestres passados, percebi a importância da Inclusão, ou seja, o verdadeiro acolhimento de todos no espaço escolar.

Tanto a escola como a família e eu como educadora somos referências fundamentais no desenvolvimento, na integração e no ensino-aprendizado das crianças. Somos responsáveis para que a Inclusão seja uma realidade dentro do espaço escolar, mas faz-se necessário que a Lei seja revista em alguns aspectos que considero relevante aqui apontar talvez como tema de uma próxima pesquisa.

O primeiro aspecto por mim levantado são os alunos que estão em sala de aula e apresentam dificuldades de aprendizagem por fatores não identificados por especialistas, por omissão familiar, mas que estão evidentes ao nosso olhar de educadora. Estes não são considerados pela Lei como alunos de Inclusão. Considero que também os são porque, apresentam dificuldades que precisam de atenção e de atividades diferenciadas para que seu processo de aprendizagem seja pleno, com respeito as suas limitações.

Durante alguns anos, venho observando que a inclusão tanto de Portadores de necessidades especiais como os que têm transtornos múltiplos (CID 90 e 92), estão muito presentes em sala de aula e se faz necessário um olhar mais detalhado para as questões que norteiam a Inclusão bem como as possibilidades destes alunos estarem inseridos em sala de aula.

O segundo ponto, tão importante quanto o primeiro, são as adaptações Curriculares que se faz necessário e urgente, pois sem elas os alunos continuarão enfrentando a exclusão. Cabe aqui ressaltar que uma das minhas maiores preocupações foi, e continua sendo, fazer com que a escola sinta a necessidade de

reformular seus Regimentos Escolares, seus Estatutos a fim de que estas crianças sejam privilegiadas no que lhes é assegurado pela Constituição Federal.

Durante o estágio pude perceber esta necessidade quando, ao avaliar os alunos no trimestre, não encontrei o devido respaldo para avaliá-los de modo diferente dos alunos ditos "normais", pois as avaliações foram iguais, ou seja, todo meu trabalho de oferecer recursos diferenciados a estes alunos não pode ser considerado, na hora de avaliá-los, porque só têm direito de avaliação especial os que apresentarem o Laudo Médico, dificultando o trabalho do educador para que a Inclusão seja de fato efetivada.

A terceira, que também não é menos importante, é que a escola abra espaço à família fazendo com que estas se sintam acolhidas, entendidas e fornecer os devidos esclarecimentos sobre a vida escolar dos alunos. O medo, a omissão e a falta de esclarecimentos, talvez seja a repetência continua de muitas de nossas crianças com necessidades especiais. Convocar a presença dos pais apenas para a entrega de avaliações trimestrais e não abrir espaço, para que os mesmos se sintam parte do processo de aprendizagem de seus filhos não é Inclusão. Para Incluir é preciso todos estar engajados no processo ensino-aprendizagem.

Apesar dos meus recursos didáticos e pedagógicos serem um tanto precários para proporcionar a estas crianças uma aprendizagem mais eficaz, venho buscando através dos conhecimentos adquiridos no Pead, levar o novo, reformular minhas práticas para que a Inclusão seja uma realidade com respeito às limitações e tempo que cada um tem no processo de aprendizagem.

No período de quatro anos de Pead muitas aprendizagens adquiridas por mim nas interdisciplinas me possibilitaram inovar minhas práticas pedagógicas e perceber a importância de utilizar recursos didáticos que levem as crianças irem construindo suas aprendizagens.

Nesta busca aqui descrita e analisada, o meu foco de interesse foi o uso da Hora do Conto, das Oficinas de Matemática como atividades com a perspectiva de letramento e letramento matemático que podem favorecer a interação e a participação de todos os alunos e, assim, contribuir com a socialização e aprendizagem dos alunos de inclusão nas séries iniciais.

A inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças e este privilégio eu tenho tanto pessoalmente como profissionalmente nas escolas onde atuo em que há alunos Portadores de Necessidades Especiais não só físicas e mentais, mas Educacionais.

Estas diferenças é que torna minha sala de aula uma diversidade não só cultural social ou étnica, mas num ambiente onde as possibilidades de aprendizagens se manifestam constantemente.

Construir processos de ensino-aprendizagem com objetivos específicos, estratégias e recursos que atendam as necessidades destes alunos tem sido uma busca constante dentro da escola, pois ela é um componente capaz de contribuir para o bom desenvolvimento e a socialização de todos, através de atividades que proporcionem o bom relacionamento e participação, para que os alunos possam sentir-se sujeitos de suas aprendizagens e é pensando nisto que buscamos possibilidades para que todos estejam incluídos.

Uma das alternativas encontradas para a Inclusão foi à Hora do Conto com histórias pequenas que possibilitam o entendimento de todos e que as atividades de alfabetização e letramento estejam relacionadas com as mesmas. Além disso, as Oficinas com Letramento Matemático e jogos também possibilitaram a integração e socialização das crianças com necessidades especiais para que pudessem estar interagindo no grupo enquanto realizavam as atividades.

Levar para sala de aula o lúdico para ensinar conceitos matemáticos e alfabetizar letrando tem sido uma das alternativas que para fazer com que as crianças gostem e aprendam matemática e a construção da leitura e escrita. Nós, como educadores devemos procurar alternativas para aumentar a motivação para a aprendizagem, desenvolver a autoconfiança, a organização, concentração, atenção, raciocínio lógico-dedutivo e o senso cooperativo, desenvolvendo a socialização e aumentando as interações do indivíduo com outras pessoas. Todas as atividades lúdicas se bem planejados, são recursos pedagógicos eficazes para a construção do conhecimento de maneira autônoma.

Sendo necessário que as Escolas façam os ajustes necessários nos Currículos e Métodos Avaliativos para que estes estejam adequados as especificidades de cada um, para que assim a Inclusão não se torne um processo de

Exclusão. Também se faz necessário que os educadores e todos que fazem parte da Comunidade Escolar estejam preparados para acolher estes seres tão especiais que mereceram um olhar mais atento, um olhar que só o coração pode sentir e enxergar para que a Inclusão seja possível.

REFERENCIAS:

ABRAMOVICK, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.

BRAGA, L. W. **Cognição e paralisia cerebral: Piaget e Vygotsky em questão**. Salvador: Sarah Letras, 1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** n°. 9.034. DF; Brasília, Diário Oficial, 20 dez.1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>> Acesso em 8 out. 2010.

DAMBRÓSIO, U. **Letramento no Brasil: habilidades matemáticas: reflexões a partir do INAF 2002**. São Paulo: Ação Educativa: Global, 2004.

DANYLUK, O. **Alfabetização Matemática, as primeiras manifestações da escrita infantil**. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed., 2002.

MENDES, Jackeline Rodrigues. **Práticas sociais de leitura e escrita em torno do conhecimento matemático**. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais15/alfabetica/MendesJackelineRodrigues.htm>> Acesso em 6 nov. 2010.

MOITA, Filomena Ma. G. S. Cordeiro; ANDRADE, Fernando César B. **O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública**. Disponível em: <<http://www.filomenamoita.pro.br/pdf/GT06-1671.pdf>> Acesso em 6 nov. 2010.

PERBONI, IOP & OLIVEIRA, 2008, **Inclusão: O Despreparo Das Escolas Para Receber Alunos Com Deficiência Sensorial**.

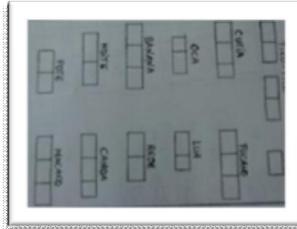
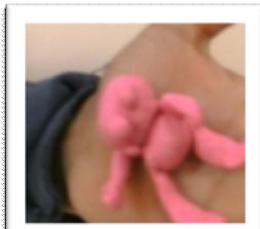
SOARES, Magda B. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. No prelo: **Revista Pátio**, n. 29, fev. 2004.

SOARES, Magda. Nada é mais gratificante do que alfabetizar. Entrevista. In: **Letra A: o jornal do alfabetizador**. CEALE, Belo Horizonte, v.1, abr/mai, 2005. p. 10 -14.

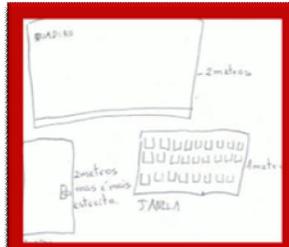
TAHAN, Malba. **A hora do conto na biblioteca escolar: uma proposta de incentivo à leitura**. Belo Horizonte, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1 - Hora do Conto



ANEXO 2 - Oficinas de Matemática



Anexo 3- Materiais Artesanais para Letramento Matemático e Alfabetização

